

“O REMÉDIO DA MATA É MELHOR DO QUE DA FARMÁCIA” – NOÇÕES DE ADOECIMENTO E CURA KAPINAWÁ NAS ALDEIAS MINA GRANDE E COQUEIRO

Harley das Neves Torres¹

Janete Ferreira Pedrosa Torres²

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar alguns aspectos da etnomedicina Kapinawá. Esse povo tem uma forma muito particular de entender e intervir nos processos de adoecimento e cura. Há um processo rigoroso para alcançar a cura. Ao longo de nossa experiência missionária fomos aprendendo, observando e interagindo com alguns processos de remédios tradicionais, desde a colheita de ingredientes, até a administração e rituais para a cura. Procuramos identificar a interação da medicina tradicional com a biomedicina. Em quase todos os casos houve a busca da etnomedicina primeiramente. Recorrem a biomedicina quando a doença persiste. Percebemos que o conhecimento que eles possuem foi passado por meio da tradição do conhecimento em questão. Os Kapinawá querem que esses conhecimentos sejam transmitidos, ensinando aos jovens a importância de saberem tratar a sua própria saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Medicina Tradicional; Cura; Adoecimento; Ritual; Remédio.

“THE MEDICINE FROM THE FOREST IS BETTER THAN FROM THE PHARMACY” - NOTIONS OF ILLNESS AND HEALING IN THE KAPINAWÁ VILLAGES OF MINA GRANDE AND COQUEIRO

ABSTRACT: The aim of this article is to present some aspects of Kapinawá ethnomedicine. This people has a very particular way of understanding and interacting in the processes of sickness and healing. There is a rigorous process to achieve healing. Throughout our missionary experience we have been learning, observing, and interacting with some traditional medicine processes from ingredients collection to its administration and rituals for healing. We seek to identify the interaction of traditional medicine with biomedicine. In almost all cases, there was the search for the ethnomedicine first. They go for biomedicine when the disease persists. It was realized that the knowledge they possess has been given through the traditional knowledge in question. They want this knowledge to be transmitted to the next generation by teaching their young people the importance of knowing how to treat their own health.

KEYWORDS: Traditional Medicine; Cure; Illness; Ritual; Medicine.

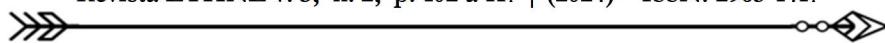
INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre noções de adoecimento e cura entre os *Kapinawá* nas aldeias Mina Grande e Coqueiro. Entendendo o seu uso e a importância no cotidiano, será apresentado como a medicina tradicional é usada como forma de cura, envolvendo tanto o uso de ervas, crenças espirituais e religiosas.

O título tem sua origem nas conversas com os indígenas, onde quase todos falaram: “O remédio da mata é melhor do que da farmácia”. Todos expressaram que dão mais valor ao remédio

¹ Graduação em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana e Especialista em Antropologia Intercultural pela UniEVANGÉLICA. E-mail: harley.torres@mntb.org.br.

² Graduação em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana e Especialista em Antropologia Intercultural pela UniEVANGÉLICA. E-mail: janete.torres@mntb.org.br



da mata, ou seja, remédio que eles fazem utilizando a matéria-prima colhida no quintal de suas casas, no pasto e/ou na mata-virgem³.

A antropologia da saúde aborda o estudo e a aplicação do comportamento de um indivíduo no âmbito da saúde em uma determinada cultura. De acordo com Langdon *apud* Amadigi (2009) a antropologia da saúde está representada em quatro formas de abordagens na sua história: a tradicional, a aplicada, a ecológica e a interpretativa. Pretende-se desenvolver neste artigo a abordagem aplicada, pois foram implantados após a Segunda Guerra Mundial, respeitando as crenças sobre saúde e doença do indivíduo receptor.

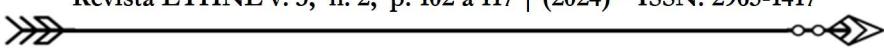
A antropologia da saúde leva em consideração os padrões sociais e as crenças da cultura. Ela se molda à cultura permitindo a expressão da doença. Por exemplo, a dor em determinada cultura não terá as mesmas características em outra. A dor poderá ser comunicada ou não ao grupo social, médicos e outros. Carrega-se uma carga de valores emocionais, sociais e culturais do paciente. Geralmente, os Kapinawá não comunicam a dor a ninguém, nem mesmo ao seu cônjuge.

A antropologia da saúde ajuda a expandir o olhar do antropólogo, do agente de saúde e do médico da biomedicina. Na perspectiva do olhar de alguém que não pertence ao grupo, a medicina tradicional em questão seria apenas um meio de curar certos tipos de doenças, causando um bem-estar ao indivíduo. Contudo, *esse outro* não percebe os elementos que estão inseridos no sistema de crenças tradicionais. Porém, uma abordagem etnográfica identifica procedimentos onde ocorrem crenças e ritos específicos para a cura de cada doença, sendo a crença o elemento determinante.

Estando em contato com os *Kapinawá* desde 2015, por meio de uma atuação missionária com projetos sociais nas aldeias Mina Grande e Coqueiro, foi possível observar e pesquisar sobre as noções de saúde do referido grupo, participando de rituais e preparos de remédios à base de ervas locais para a cura. Assim surgiu o interesse de realizar uma abordagem antropológica sobre esse assunto. Foi realizada pesquisa bibliográfica em trabalhos sobre medicina tradicional, inclusive alguns específicos sobre os *Kapinawá*.

A valorização da medicina ocidental, em detrimento dos conhecimentos tradicionais *Kapinawá* sobre saúde, é assumida como questão importante de investigação. A medicina tradicional tem se mostrado como um importante elemento de valorização cultural. Existe um esforço intencional por partes das lideranças das aldeias no processo de transmissão de conhecimento sobre saúde na perspectiva indígena. Diante disso, o tema é de interesse antropológico e sua pesquisa é relevante na compreensão dessa etnomedicina, visando contribuir nos processos de valorização cultural, mais

³ Termo utilizado pelos indígenas referindo-se a locais onde não há fluxo de pessoas.



especificamente os resultados da presente pesquisa poderão servir como material educativo que fortaleçam a identidade étnica local.

Portanto, o objetivo é identificar as noções de adoecimento do povo *Kapinawá*, conhecendo seus meios de cura, formas e procedimentos. Analisar esta parte da cultura é uma maneira de compreender o seu modo de agir em determinadas doenças. Observamos em quais momentos eles buscam a ajuda da medicina convencional.

Para entender como os *Kapinawá* utilizam a sua etnomedicina, este artigo foi elaborado em três tópicos: o primeiro *A antropologia da saúde e os Kapinawá* aborda a etnomedicina *Kapinawá* na visão da antropologia da saúde, o segundo *Noções de adoecimento e cura Kapinawá* menciona algumas doenças na perspectiva indígena específica e, por fim, *os Kapinawá e a biomedicina* dedica ao envolvimento da biomedicina com a etnomedicina *Kapinawá*.

A ANTROPOLOGIA DA SAÚDE E OS *KAPINAWÁ*

As noções de adoecimento e cura fazem parte da cultura de um grupo social. Ela é uma área de um universo cultural e não é uma novidade nos estudos antropológicos. No século passado, houve a busca de estudar a medicina em outras culturas. Os primeiros antropólogos a pesquisarem esse campo foram Clements, Rivers, Malinowski (Amadigi, 2009).

Segundo sugere Kleinman *apud* Amadigi (2009), em qualquer sociedade há três subsistemas de cuidado à saúde: o informal, o popular e o profissional. Esses sistemas orientam o indivíduo a entender sua saúde e doença, como também, o meio de cura, bem-estar, inclusive a prevenção.

Tudo que os *Kapinawá* sabem hoje sobre saúde veio dos seus antepassados e pela troca de saberes interculturais. A interação com o povo da cidade e com acesso à internet têm-se intensificado o aprendizado dos processos de cura. Em 2017, participamos de um encontro de pajés, parteiras e detentores do saber na aldeia Mina Grande. As trocas de saberes é uma estratégia de unirem as populações da região com conhecimentos tradicionais sobre saúde, bem como, realmente trocar os conhecimentos adquiridos ao longo de sua existência.

Diante disso, como a cultura apresenta um caráter dinâmico e processual os *Kapinawá* não estão presos aos seus conhecimentos de saúde, mas abertos ao novo em relação ao tradicional.

A etnomedicina não deve ser estudada isoladamente da cultura, pois as ações e reações relacionadas à saúde, doença, dor, prevenção e outros estão intrinsecamente ligadas à educação cultural passada ao indivíduo. Como diz Cecil G. Helman:

Os valores e costumes associados a doenças fazem parte do complexo cultural, não podendo ser estudados de forma isolada. Não podemos compreender as reações das pessoas à doença, morte ou outros infortúnios sem compreender o tipo de cultura em que foram educadas ou assimilaram por convivência – isto é, a ‘lente’ através da qual elas percebem e interpretam o mundo (HELMAN, 1994, pp.26).

Para entender os processos da saúde *Kapinawá* não basta apenas conhecer o que fazem, pois eles não seguem apenas os resultados obtidos na cura. Mas há uma linha de crenças a ser observada, onde o bem-estar do indivíduo depende da fé⁴. Nesse sentido, Santos (2012) afirma que:

[...] O fenômeno saúde-doença não pode ser entendido à luz unicamente de instrumentos anátomo-fisiológicos da medicina (MINAYO, 1991), mas deve considerar a visão de mundo dos diferentes segmentos da sociedade, bem como suas crenças e cultura. Significa dizer que nenhum ser humano deve ser observado apenas pelo lado biológico, mas percebido em seu contexto sociocultural (SANTOS, 2012, p.13).

Um ponto importante que poderia ser citado é o direito dos povos indígenas com relação à saúde tradicional. O povo *Kapinawá* tem o direito de seguir suas práticas de saúde sem discriminação, bem como a conservação da mesma. Mesmo exercendo seus conhecimentos tradicionais, eles continuam com todos os serviços sociais e de saúde da sociedade majoritária. A Declaração da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre os Direitos dos Povos Indígenas, assinada no dia 13 de setembro de 2007, expressa:

Os povos indígenas têm direitos às suas próprias medicinas tradicionais e a manter suas práticas de saúde, incluindo a conservação de suas plantas, animais e minerais de interesses vital, sob o ponto de vista médico. As pessoas indígenas também têm direito ao acesso, sem discriminação alguma, a todos os serviços sociais e de saúde (Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas, Artigo 24, Parágrafo 1).

Nos últimos anos, o sistema de saúde convencional tem se interessado pelo uso da medicina tradicional, bem como sua valorização. Algumas equipes de saúde têm trabalho paralelamente: Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), médico, agentes de saúde e agentes culturais. Esse agente cultural, conforme Laraia (1986) é a pessoa local que exerce a função na saúde do povo, trazendo a cura e o bem-estar ao indivíduo.

Para entender melhor, é preciso conviver com o povo e saber a sua história para assim interpretar o que eles pensam e o porquê agem de certa forma, como diz Franz Boas (1896-2005):

A história real forma a base de nossas deduções. A grande e importante função do método histórico da antropologia parece-nos residir, portanto, em sua habilidade para descobrir os processos que, em casos definidos, levam ao desenvolvimento de certos costumes (BOAS,

⁴ Termo utilizado pelos indígenas Kapinawá.

1896-2005, p. 37 e 39).

Conhecendo a história do povo, percebe-se os procedimentos, rituais e crenças que os cercam. De acordo com Boas (2005): “Para entender a história é preciso conhecer, não apenas como as coisas são, mas como elas vieram a ser assim... Cada grupo cultural tem sua história própria e única” (p.45 e 47). Respeito à história de cada povo e a valorização de sua forma de pensar e agir, aceitando as diferenças de cada grupo.

O enfoque principal da biomedicina tem como base a biologia humana, a fisiologia ou a patofisiologia, onde a doença é vista como um processo biológico mundial. As novas discursões na antropologia da saúde valorizam a saúde e doença como processos psicobiológicos e socioculturais. Essa abordagem não observa o processo biológico, e sim, o contexto cultural (LANGDON, 1988). É importantíssimo abordar a saúde do povo à luz da cultura. O mundo do adoecimento e cura está interligada com a visão cultural.

NOÇÕES DE ADOECIMENTO E CURA *KAPINAWÁ*

No Estado de Pernambuco há 53.284 indígenas autodeclarados (IBGE, Censo Demográfico, 2010). Entre eles está o povo *Kapinawá* com 2.065 indígenas (SIASI/SESAI, 2014), que estão distribuídos em 25 aldeias dentro e aos arredores da Terra Indígena *Kapinawá* (Ver figura 1), ao oeste do município de Buíque, com 12.403 hectares de caatinga, homologada e registrada no Cartório de Registro de Imóveis (CRI) e na Secretaria do Patrimônio da União (SPU) em 11 de dezembro de 1998.

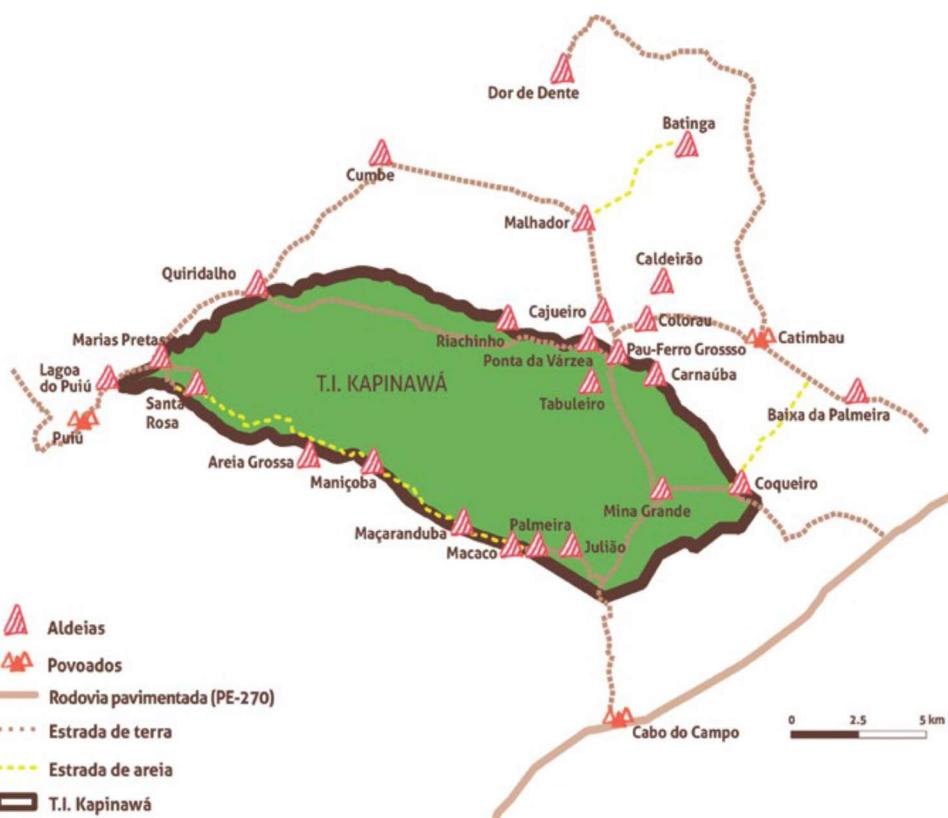
Cada aldeia é formada por um conjunto de famílias. A ligação das aldeias se concretiza pela relação de parentesco, afinidade, ritual, cerimônia e economia. Em cada aldeia tem um ou mais representantes que reportam ao cacique. Hoje, são dois pajés que fazem parte da liderança. Existe também um conselho de líderes que se reúnem para decidir juntamente com o cacique. Há reuniões que somente o conselho participa e, posteriormente, realizam outras com todo o povo.

A agricultura, agropecuária e extrativismo são meios de subsistência do povo, dos quais são vendidos, trocados ou servidos para o autoconsumo. Há pessoas que recebem salários através de empregos na área de educação e saúde. Além destes também há algumas pessoas que trabalham no comércio informal.

A origem do nome da aldeia Mina Grande se deu pela presença de uma fonte natural de água. Segundo a informação de um morador, o percurso da água dessa fonte faz o limite dos municípios de Buíque e Tupanatinga. A origem do nome da aldeia Coqueiro se deu pelo fato que na época eles usavam o coco ouricuri como meio de sobrevivência. Um morador nos informou que o nome anterior

ao citado era Coqueiro dos Marcos. Ele é um descendente da família Marcos que predominava naquela região.

Mapa 01 - Aldeias Kapinawá



Fonte: ANDRADE (2016)

As Doenças *Kapinawá*

A doença é um mal adquirido. Para o povo a doença pode ser adquirida de várias formas. Pronunciar nome de doença pode ser um fator de transmissão ou reincidência. Não se deve pronunciar o nome da doença na presença de crianças e doentes. Durante uma conversa a informante disse que vários de seus filhos já morreram. Perguntou-se quais foram os motivos das mortes e ela afirmou: “[Eles] Estão no céu. Eu não posso falar”. Nesse momento ela balançou a cabeça direcionando a nossa filha. E continuou: “Se falar o nome da doença a criança pode pegar” (Madalena⁵, usuária/agente cultural).

A doença pode ter sua causa durante a gestação. A gestante tem certos deveres e proibições,

⁵ Os nomes descritos neste artigo são fictícios como forma de proteger os indígenas mencionados. Classificou-se cada indivíduo como usuário que utiliza os meios de cura da etnomedicina e como agente cultural que realiza o tratamento.

que ao descumpri-los irá causar doenças ao feto. Da mesma forma, quando nasce a criança, durante o resguardo, a mãe deverá seguir alguns cuidados para não gerar mal-estar e doenças à si mesma e à criança. Geralmente, esses cuidados deverão permanecer até a criança chegar a um ano de idade.

Quebrar um processo de cura poderá ocasionar em danos piores à saúde e a ineficiência do tratamento. Provavelmente, as pessoas procuraram um motivo para explicar a causa da doença ou a falta de cura, ocorrendo questionamentos e talvez uma investigação. Algumas doenças têm sua causa e efeito na perspectiva Kapinawá:

Mau-olhado

Esse termo é utilizado como uma causa de doença. A pessoa que tem o mau-olhado carrega o mal consigo, transmitindo aos outros a zanga. Alguns chamam de quizanga.

Vem da matéria do povo. Às vezes tem a pessoa do olho ruim, o sangue ruim agitado, não se benze, não faz nada, não se apega ao Pai do Céu que proteja ele. E de manhã só faz coisa ruim, fala ‘nome’ pelos terreiros. Leva uma topada. Já chama todos os nomes feios. Aí sai de manhã. Aí topa com uma criança ou um bicho, diz “seu bonitão”. Aí se admira. Aí como ele se admirou, já contaminou. O bichinho vai ficando franco, não quer comer (João, usuário/agente cultural).

No dia a dia, enquanto a pessoa trabalha ou realiza outra atividade, poderá sofrer um mal-estar de origem de um mau-olhado. Observe o exemplo de um entrevistado: “Quando você adoece, as pessoas dizem que é olho gordo de outras pessoas em você, da pessoa que você é, do jeito que a pessoa batalha, as pessoas ficam com olho gordo. Aí a pessoa acaba adoeecendo” (Tatiane, usuária).

O mau-olhado lança a zanga na pessoa. Ela é curada somente com o rezador. Vejam a explicação de zanga na prática:

Se eu tenho uma criança nova ou um bichinho novo, aí tu chega; olha. Aí tu sai, o menino começa a remelar os olhos. Fica esmorecido! Aí dizem: foi os olhos de fulana que colocou zanga. [...] Aí como ele se admirou já contaminou. O bichinho vai ficando franco, não quer comer. Aí o povo reza tem as palavras de reza para zanga. E reza e a pessoa ou animal fica bom. Eu tinha um cachorrinho, latia que só a beleza, gordinho, bonzinho. Aí chegou uma pessoa e disse dá esse cachorrinho para mim, eu disse não tem negócio e nem dou. A pessoa foi embora. Mais tarde dei comida para o cachorro já não quis comer, aí começou a vomitar. Veio uma pessoa benzeu o cachorro, no outro dia o cachorro amanheceu bonzinho (Rebeca, usuária/agente cultural).

É uma doença muito comum, onde o povo sente os sintomas. Ao perceberem os sinais haverá a busca de um rezador. Cecil escreveu sobre os significados carregados nas doenças: “As doenças (*illness*) populares são mais do que um conjunto de sintomas e sinais físicos. Elas possuem, também, vários significados simbólicos – moral, social ou psicológico – para suas vítimas” (HELMAN, 1990,

p.110). Então, nota-se que a interpretação da doença é carregada por sua cultura.

A zanga pode ser lançada em pessoas, animais, roçados e plantas. Um entrevistado explica um pouco o alcance da zanga:

Já vi gente se admirar de planta, com três dias ela está seca. Já teve uma pessoa que olhou para uma galinha cheia de pintinho e no outro dia os pintinhos amanheceram tudo morto. Tem gente que põe zanga para atrapalhar a pessoa (Sofia, usuária/agente cultural).

Existem alguns meios de proteção para impedir a zanga. A proteção se dá através de palavras de proteção, que são pronunciadas quando a pessoa vê alguém com olho ruim se aproximar. Outro meio de proteção é colocar uma fita vermelha na criança, animal e/ou planta, onde há uma reza para que surja o efeito desejado.

Vento

É o causador de várias doenças. Entre elas está a convulsão. Quando uma criança recebe um vento, ela começa a ter febre e tremor no corpo. A cura se dá através de um ritual feito pelo rezador e o uso de algumas ervas medicinais. Esse ritual deve ser realizado na primeira convulsão da criança e não pode ser mencionado à mesma. Ele é realizado para obter a cura, mas se houver convulsão novamente virá no nível mais fraco. As ervas utilizadas são feitas em forma de chá e banho. São elas: as folhas de erva-de-raposa (tipí), folha do coité e a folha do bambú.

Outra doença causada pelo vento é um tipo de irritação nos olhos. Essa doença só é curada pelo rezador. Uma indígena explicou como se adquire a doença: “Você levanta cedo e vai direto na porta. Fica com olho vermelho, inchado. Foi um vento que você recebeu. Aí, o remédio do doutor⁶ não serve. Só serve reza” (Josefina, usuária/agente cultural).

Vento caído

Causa doença em crianças pequenas quando elas são levantadas acima da cabeça. Uma entrevistada explica sobre a doença: “Antigamente, os mais velhos diziam: ‘Não coloque o menino depois de sua cabeça, se não cai o vento’. Quando o vento cai, a criança fica com diarreia verde. Só o rezador cura” (Isabela, usuária/agente cultural). Na cultura brasileira, é bastante comum uma pessoa pegar uma criança com os dois braços embaixo das axilas do bebê e suspender a mesma acima de sua cabeça.

⁶ Médico da medicina convencional.

Castigo

É um mal causado à pessoa que agiu em sua vida ou determinado momento fazendo o mal aos outros. Somente Deus retira esse castigo. Um indígena afirmou que, às vezes, pode acontecer o castigo:

Em vez paga, às vezes você machuca e pensa que não vai sofrer mais. Um dia vai sofrer. Não pode ser desonesto. Tem que ser honesto. Ele sofre mais do que fez com o outro, porque foi desonesto. Machucou de malvado. Aí fica sofrendo o que causou (Ray, usuário/agente cultural).

O castigo pode ser causado também por omissão de ajuda:

Meu filho era pequeno ainda. Aí ele adoeceu. Deu uma tosse nele. Dei remédio, mas a vizinha dizia para os filhos: ‘não vá lá não, que aquilo naquele menino é tosse braba e pega’. Precisei de uma colher de chá e não me arrumaram com medo do menino. Aí eu disse ‘Deus é mais! Tem nada não, ele está no céu e para tudo ele olha! Meu filho vai ficar bom em nome de Jesus Cristo!’ Dei o remédio e ele melhorou. Não deu oito dias, os netos dela adoeceram de tosse braba. E do meu filho não era tosse braba. Para tudo Deus olha. Ele é bom e maravilhoso! Não queria ir em casa para não pegar por causa do meu menino. Olha aí agora! O meu menino ficou bom com os remédios que comprei (Ester, usuária).

Em todas as conversas as pessoas afirmaram que, para obter uma cura completa, é necessário ter fé.

Na reza, primeiro é a fé. A gente vai ao rezador, mas para a gente ele ali só está usando as palavras de Deus. Por ele usar, ele é apenas um mentor. Ele está usando e a gente está recebendo aquelas palavras, mas com a fé em Deus. E nas ervas é o poder que elas têm de curar (Débora, usuária/agente cultural).

Além do rezador e das ervas, há também o uso de simpatia como forma de cura. Por exemplo, a asma é curada através de um chá, onde é feito um ritual. O paciente ingere aquele chá sem saber como foi feito. A simpatia para curar língua na virilha é através de palavras e de um certo procedimento.

A maioria dos indígenas relataram que quando o paciente não obteve a cura pelos meios mencionados acima, então eles fazem promessa para o Santo de Proteção. Ouvimos um relato de uma madrinha que fez uma promessa para sua afilhada. Ela estava com um problema de inflamação no ouvido e já tinha ido ao médico e ao curador e não resolveu. Então a madrinha falou que iria fazer uma promessa para o Padre Cícero. A promessa era que a afilhada ficaria sem cortar o cabelo até os 13 anos de idade. A afilhada ficou curada. Ao completar 13 anos, elas foram à cidade de Juazeiro do Norte-CE para concluir a promessa. Cortaram o cabelo e colocaram em uma cabeça de madeira, deixando-a na cama do Padre Cicero. Disse que só pagou uma vez a promessa.

Têm pessoas que pagam a promessa todos os anos no dia do santo a quem fez a promessa. Às vezes, soltam fogos de artifícios, rezam o Pai-Nosso e colocam uma fita de cetim na imagem a quem pediu a promessa.

Remédio da mata, da farmácia, rezador, simpatias e promessas são os meios de cura do povo *Kapinawá*. “Em algumas sociedades, a manutenção da saúde inclui também o uso de feitiços, amuletos e medalhões religiosos para afastar a má sorte, inclusive uma doença inesperada, e para atrair a boa sorte e a boa saúde” (HELMAN, 1990, p.72).

Os remédios *Kapinawá*

As ervas medicinais citadas neste artigo não estão com nomes científicos. Foram utilizados os nomes regionais e que o povo *Kapinawá* utiliza. As formas de remédios são: Chás, lambedor, garrafada, infusão em álcool, banho, uso tópico e remédios biomédicos.

Todo o conhecimento adquirido veio dos antepassados (avós, pai, mãe, vizinho e/ou parente próximo). O ensino do tratamento para cura é transmitido através de trocas de saberes e pelo aprendizado prático, onde os filhos e achegados recebem o ensino no seu cotidiano. Um exemplo prático é quando um adolescente/jovem sai com o parente mais velho (pai, mãe, avós) para um determinado lugar e no decorrer do caminho acontece a transmissão de conhecimento de remédios da mata. “A gente se criou com os pais e avós dizendo o que era remédio” (Rute, usuária/agente cultural).

Certa vez uma senhora indígena disse que o aprendizado que ela tem hoje sobre remédios veio de seus avós. “Isso aí vem de longe... dos meus avós” (Noeme, usuária/agente cultural).

Para colher as ervas há um processo de resguardo e um horário adequado. Há pessoas escolhidas para a tarefa. Quando alguém necessita de uma erva específica, é pedido para pegá-la. Há remédios que só tem o efeito eficaz se as ervas forem colhidas na mata onde ninguém passa.

Conforme alguns indígenas relataram, as ervas que devem ter no quintal de casa são: *Ervacidreira* usada para mal-estar na barriga em forma de chá; *Hortelã* (folha pequena e folha grande) usada para gripe em forma de chá e lambedor; *Mastruz* usado para inflamações, gripe e desmentidura em forma de chá, banhos e uso tópico.

Algumas ervas medicinais encontradas na T.I. *Kapinawá* são: jatobá, aroeira, quixabeira, rosa brava, federação, jurema preta, acerola, malva, juá, jurubeba, mandacaru, melancia, eucalipto, carrapicho de agulha, alento, ameixa, cajueiro, pega-pinto, melão-de-São-Caetano, mercúrio, pinhão-roxo, laranja, colônia, loro, tipi, alecrim, velame, Umburana cabochão, iodo, erva-doce, arruda etc. São utilizados as cascas, raízes, folhas e/ou frutas, dependendo do remédio que será realizado (Ver figura 2 e figura 3).

Fotografia 01 - Indígena tirando casca para fazer lambedor.



Fonte: acervo pessoal

Algumas ervas que não têm na T.I. *Kapinawá* e são adquiridas na cidade de Buíque: cabacinha, umburana de cheiro, canela, anil estrelado, pimenta-de-macaco, alfazema, sena e camomila. Participamos de algumas preparações de remédios medicinais que são usados pelo povo como lambedor, garrafada e infusão. Abaixo segue a explicação do preparo pelos indígenas:

Lambedor

Remédio preparado para curar tosse e gripe. É um chá feito com algumas plantas e depois coado. Então coloca-se açúcar até o ponto de virar um melado.

São várias ervas juntas. Aí usa a casca do jatobá, a casca da aroeira, casca da ameixa, alento, majerioba (fedegoso), mentruz (mastruz), cebola branca. Isso tudo é em um lambedor só. Junta todas as ervas, lava. Lave as ervas e coloque para cozinhar. Depois que cozinhar coa com um pano limpo. Depois coloca o açúcar e põe para apurar. Aí deixa fervendo, quando vê que está com uma consistência boa, aí retira. A panela que se usa é uma panela virgem só para lambedor. Depois que esfria, pega um frasco que esteja limpo lava bem e coloca água quente dentro depois embraca deixa escorrer toda água, depois coloca o lambedor dentro e bebe todos os dias três vezes ao dia (usa colher de sopa, ou copinho de medida, ou copo de enganar bêbado (copo para beber cachaça). Cura catarro pegado nos peitos, aquela tosse, bronquite, pneumonia só serve quando a doença está no começo (Neuza, usuária/agente cultural).

Fotografia 02: Indígena colhendo ervas para infusão no álcool



Fonte: acervo pessoal

Garrafada

Remédio que serve para vários tipos de doença. É preparado na infusão de algumas plantas medicinais no vinho ou cachaça.

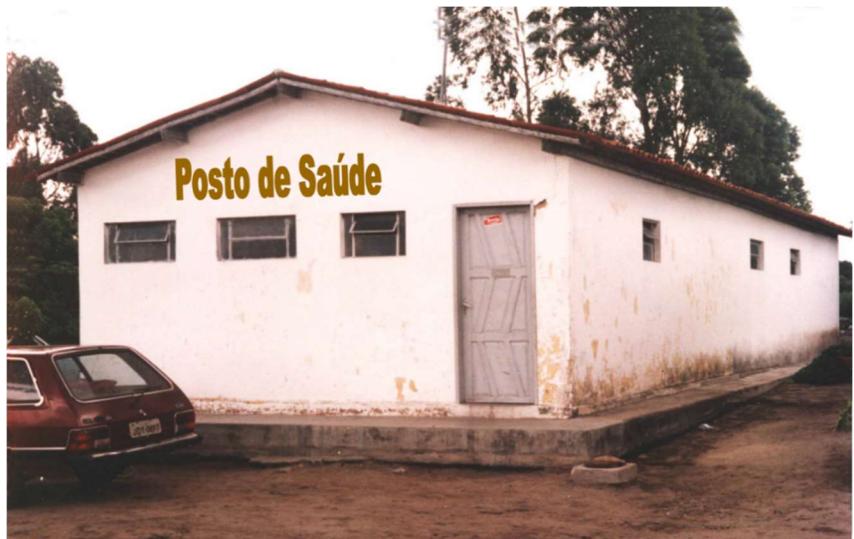
É mais usada quando cai, que se machuca ou leva uma pancada. É feita com a aroeira e quixabeira. Pega a raiz e coloca dentro da garrafada. Pode ser colocada na “pitu” (cachaça). Usamos muito na bebida. Quem não gosta com álcool deixa a garrafa aberta por três dias, então sai o álcool da bebida. Depois que tirar o álcool coloca as raízes, tampa e deixa em um canto escuro por sete dias e deixa lá. Aí depois de sete dias que você começa a tomar. Ainda hoje usa (Michele, usuária/agente cultural).

Infusão no álcool

Utilizado para curar sinusite por infusão e uso tópico para curar dores e inchaços.

Coloca eucalipto, alecrim, loro, arruda e o tipi. São cinco ervas. Coloca no álcool de manhã. De tarde já pode passar. Serve para dor, inchação nas pernas, para sinusite. Tem gente que cheira. Ele [serve] até para dormência nas mãos. Pode passar em qualquer canto da pele da gente. Não maltrata nada (Lilian, usuária/agente cultural).

Fotografia 03: Posto de Saúde na aldeia Mina Grande



Fonte: acervo pessoal

Banho de assento para inflamação ginecológica

Utilização de ervas numa bacia para tratamento de assento ginecológico. “Você pega mentruz (mastruz), federação e rosa-brava. lava as ervas. Aí faz o ‘cozinhamento’. Depois de morno, coa. E tome o banho por sete dias. Deve ser tomado à noite” (Fátima, usuária/agente cultural).

OS KAPINAWÁ E A BIOMEDICINA

Há três décadas, a saúde tradicional era exercida com mais frequência na vida do povo. O acesso à biomedicina na cidade era difícil. Então, entrou a Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM)⁷ na T.I. Kapinawá. “Antes da saúde (biomedicina) chegar aqui, não sabíamos o que era remédio de farmácia. Os únicos remédios que conhecíamos era Anador, Cibalena e Aspirina. Quando o pessoal ía na rua, ía na farmácia só atrás destes três comprimidos” (Beatriz, usuária/agente cultural).

Segundo alguns relatos, foi com o cacicado de José Bernardino Barbosa, conhecido como Zé Bernardo que o acesso a saúde pública foi ampliado. Depois de alguns anos de seu falecimento, iniciou-se uma homenagem anual, onde relatam suas conquistas.

⁷ Criada por força do disposto no artigo 20, do decreto nº 66.623, de 22 de maio de 1.970.

Até 1993 a assistência à saúde era nos municípios de Buíque, Tupanatinga e Ibimirim (ANDRADE, 2016, p. 22). Hoje, as aldeias recebem uma equipe de saúde da SESAI, onde compõem um médico clínico, enfermeira, técnico em enfermagem, dentista, farmacêutico e outros (Posto de Saúde - Ver fotografia 3).

A procura pela medicina hegemônica se dá quando a medicina tradicional não é suficiente para a cura completa, conforme alguns relatos.

Ouviu-se relatos que eles recorrem a biomedicina e não obtendo a cura, retornam a medicina tradicional e são curados. Isso confirma e reforça o título deste artigo, pois eles dão muito valor à medicina tradicional.

Há uma busca pelo bem-estar do enfermo. É normal para o povo buscar a etnomedicina e biomedicina ao mesmo tempo. A cura é o fim independente do meio. No início deste ano, uma pessoa afirmou que estava com dor de cabeça e tomou um remédio convencional, mas em seguida foi ao rezador e passou a dor (Isabel, usuária).

Um indígena afirmou que a medicina tradicional ou biomedicina alcançará à cura: “Quando o do mato não dá certo usa da farmácia. Sempre um tem que dá certo. Faz primeiro o remédio do mato, depois vai no médico. Quando tem médico vai no médico. Se tem oportunidade vai ao médico” (Moisés, usuário).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo veio como uma oportunidade de conhecer mais o povo *Kapinawá*, em especial a saúde tradicional do povo. Abordamos a questão do respeito à etnomedicina que deve-se exercer para com os povos étnicos. O povo tem à sua maneira de enxergar e compreender o universo da saúde tradicional, com seus símbolos e significados.

A análise das doenças, baseado no referencial teórico, permitiu compreender as doenças (causa, efeito e cura) dentro da cosmologia do povo. Obtivemos um total apoio do povo e o privilégio de poder participar da elaboração de alguns remédios, desde a colheita das ervas, seu processo e posologia. Contudo, a pedido de alguns indígenas, partes dos processos não puderam ser relatados neste artigo.

Percebemos que através deste artigo, a saúde tradicional não é somente uma questão política, mas seu uso se dá desde muito tempo, onde os processos são passados de geração à geração, manifestando a dinamicidade da vida sociocultural de um grupo.

Com o passar dos anos, algumas ervas se perderam ocasionando o seu desuso. Há um trabalho em desenvolvimento do povo juntamente com a SESAI para o resgate das ervas medicinais. Já foi realizada a plantação de ervas medicinais no quintal do Pajé (Beatriz, usuária/agente cultural).

Existe também uma roda de conversa sobre saúde, com os jovens, falando da prevenção de doenças e a utilização das plantas medicinais.

A busca pela medicina hegemônica se dá, em alguns casos, pela falta de bons resultados na etnomedicina. Contudo, em alguns casos de saúde, há um retorno à saúde tradicional.

Concluímos que o assunto é vasto, onde existe tanto a possibilidade de ampliar a valorização da etnomedicina, quanto a mútua ação com a biomedicina. O importante é trabalhar em busca do bem-estar do indivíduo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo César; RABELO, Miriam Cristina (Org.). **Antropologia da saúde:** traçando identidade e explorando fronteiras. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Editora Relume Dumará, 1998. 248 p.

AMADIGI, Felipa Rafaela. et al. A antropologia como ferramenta para compreender as práticas de saúde nos diferentes contextos da vida humana. **REME:** Rev. Min. Enferm., Florianópolis, p. 131-138, jan./mar. 2009.

ANDRADE, Lara E. A. (Coord.) CONSELHO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA *KAPINAWÁ – CEEIK; Kapinawá*: território, memórias e saberes. Olinda: Centro de Cultura Luiz Freire, 2016.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**, 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BRASIL. Decreto-lei nº 66.623, de 22 de maio de 1970. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=489262&id=14315427&idBionario=15704999&mime=application/rtf>>. Acessado em: 10 set. 2018.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC; 1989.

HELMAN, Cecil G.. **Cultura, Saúde e Doença**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf>. Acessado em: 05 set. 2018.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Quadro Geral dos Povos. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Quadro_Geral_dos_Povos>. Acessado em: 16 ago. 2018.

LANGDON, Esther Jean. Estudo sobre a saúde indígena, tratamentos específicos e a Reforma Sanitária, Saúde Indígena: A lógica do processo de tratamento. **Saúde em Debate:** Revista do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde, Curitiba, p.12-15, janeiro de 1988.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

PHILLIPS, David J. **Indígenas do Brasil: Kapinawá**. Disponível em: <<https://brasil.antropos.org.uk/ethnic-profiles/profiles-k/68-135-kapinawa.html>>. Acessado em: 10 set. 2018.

SANTOS, Alessandra Carla Baía dos. et al. Antropologia da saúde e da doença: contribuições para a construção de novas práticas em saúde. **Revista NUFEN**, v.4, n.2, p. 11-20, jul./dez. 2012.

